

Avaliação, por e para mulheres, com abordagem culturalmente responsiva e interseccional, Brasil.

Entrevista com Walquiria Tiburcio e Juliana Moraes, por Iriana Ferreyra^{1*}.

A experiência

Esta avaliação foi realizada por uma equipe² da Move Social. A organização é reconhecida principalmente pela abordagem qualitativa, entendendo que escutar as pessoas é crucial, principalmente nos contextos em que as avaliações são feitas, assumindo que as escutas qualificadas das pessoas beneficiárias fazem diferença no processo avaliativo, na medida em que ampliam a possibilidade de leitura das realidades. Nesse percurso, vem se tentando cada vez mais que as avaliações sejam culturalmente responsivas.

Este caso é sobre uma avaliação muito recente, realizada entre agosto e novembro de 2020, inteiramente no contexto da pandemia. A avaliação foi conduzida por uma equipe intencionalmente composta por 3 mulheres, sendo uma delas negra, com uma abordagem culturalmente responsiva e com um olhar interseccional.

A iniciativa avaliada foi financiada por um ente, e teve a participação de uma organização articuladora que orientou 21 grupos liderados por mulheres de diferentes lugares do Brasil. A diversidade era bastante ampla, com diversos grupos de mulheres: mulheres de terreiro, domésticas, mulheres LBTs, mulheres profissionais do sexo, entre outras.

A abordagem escolhida permitiu ter muita atenção ao contexto e às trajetórias dessas mulheres para pensar como as iniciativas aconteceram e o que elas produziram nos territórios onde os projetos foram desenvolvidos. Para isso, o primeiro passo foi mapear quais eram os interesses na avaliação: de quem financiou, de quem apoiou a implementação, e das lideranças dos grupos. A partir destes diálogos foi construído o plano da avaliação, a qual fomentou diálogos coletivos e individuais com todas elas para entender os projetos e os resultados esperados e possíveis, resguardadas as limitações do contexto de pandemia. Assim, a avaliação foi feita a partir das perguntas mapeadas e de uma matriz de avaliação desenhada, levando em conta os diferentes interesses.

¹Esta entrevista foi realizada em dezembro de 2020 no âmbito do estudo “Levantamento de experiências de avaliação latino-americanas e Coleção de bibliografia de avaliação latino-americana”, em resposta à iniciativa do GT Standards LAC - ReLAC e com o apoio da FOCELAC-DEval.

* Revisão portuguesa: Nara Torrecilha Ferreira.

²A equipe desta avaliação foi composta também por Elis Alquezar.

Grande parte das mulheres envolvidas eram negras, então, ao escolher a abordagem, optou-se pela perspectiva culturalmente responsiva, de origem norte-americana, que tem como questão central a questão racial, sendo este um dos grandes focos. Outro fator-chave tem relação com a composição da equipe, formada só por mulheres a fim de construir um ambiente propício para que as conversas pudessem acontecer, tentando eliminar barreiras de representatividade e, com isso fortalecer a confiança das mulheres com a equipe de avaliação. A abordagem culturalmente responsiva lida com esses tipos de tensões que atravessam qualquer

avaliação. Nesse contexto, ao construir os instrumentos, uma pergunta central e que possibilitou a construção de uma análise calcada a partir das mulheres e dos lugares sociais que cada uma ocupa, foi compreender de onde estas mulheres falam, a fim de jogar luz para as trajetórias que elas revelam, pois, a partir destes lugares, identifica-se o quanto cada mulher, com suas especificidades, aporta e influencia o alcance de resultados a partir dos projetos que lideram. Ter este olhar possibilitou acessar elementos que um roteiro tradicional não teria permitido.

Mesmo com as limitações do contexto da pandemia, foi possível ouvir as pessoas durante todo o processo. Importante dizer que os projetos estavam no meio da implementação quando a pandemia começou. Esses projetos tinham duração de um ano. Nesta nova realidade imposta pela Covid-19, os grupos começaram a dar um espaço dentro das ações previstas nos projetos para aquelas demandas urgentes que surgiram em resposta ao contexto pandêmico.

“A pandemia atrapalhou bastante, mas a abordagem foi possível ainda com as limitações do contexto. Como teria sido sem pandemia! Quer dizer que as possibilidades da metodologia são bem potentes.”

Fatores de sucesso

01

Partir da perspectiva que se tratava de um **sistema complexo** e que esses grupos de mulheres, que fazem parte do sistema, são capazes de criar soluções potentes para os problemas dos seus territórios. A sistematização das propostas, que surgiram dentro dos projetos, mostrou como elas são potentes para trazer soluções.

02

Espaço para **escuta ativa** das mulheres e também para que elas se escutassem entre si foi fator-chave na avaliação. A avaliação constatou que a escuta ativa, fruto da experiência da organização articuladora na atuação com grupos de mulheres, tinha sido fator-chave no projeto, possibilitando que eles produzissem soluções de maneira autônoma, promovendo uma colaboração importante entre si e também no interior dos territórios, ao articular suas ações com outras organizações.

03

Toda avaliação tem limitações e expectativas. Neste caso, abordar de modo participativo a definição de **focos avaliativos e análise de dados** permitiu ver resultados que as diferentes lideranças dos grupos e coletivos traziam como importantes para si, mesmo que estes não tivessem relação com as expectativas iniciais da avaliação. A metodologia ajudou todas as partes a reconhecerem no processo coisas que não tinham sido vistas ou percebidas antes e, por fim, permitiu que as lideranças dos projetos se conectassem com as evidências ampliando o exercício analítico inicial empreendido pela equipe avaliativa.

04

O contexto da pandemia trouxe muitos desafios: fazer tudo totalmente à distância e ao mesmo tempo gerar confiança, compreender o contexto. Um fator de sucesso para que fosse possível a avaliação, foi que o **grupo de mulheres estava muito interessado e com disponibilidade**. O outro, possivelmente, o fato de dar **protagonismo para elas** desde o início, ajudou a superar as dificuldades da virtualidade para a metodologia. Um terceiro fator **foi a abertura e o desejo do cliente**, e também da organização articuladora, para a construção de um processo participativo que primasse pelo protagonismo das mulheres dos 21 grupos apoiados.

05

As mulheres respondiam de diferentes formas às perguntas, mas não deixavam de responder. Perceber isso possibilitou refinar a linguagem melhorando a **capacidade de comunicação** com esses grupos. Destaca-se aqui que o fato de o grupo ser de avaliadoras mulheres permitiu a construção de um espaço seguro para a partilha entre participantes, avaliadoras e beneficiárias, apesar das inúmeras diferenças posto que se tratavam de grupos historicamente marginalizados e em contextos de vulnerabilidade. Foi possível estabelecer um vínculo de confiança para a narrativa das mulheres.

Construindo uma abordagem latino-americana, a partir e para as realidades da nossa região

Uma abordagem culturalmente responsiva olha para a cultura num sentido amplo: relações, costumes, práticas. Mas a perspectiva de gênero não está incorporada nessa perspectiva. Por isso se combinou a abordagem culturalmente responsiva com uma metodologia de análise interseccional, assim quando se pergunta pelas trajetórias, se procura, no conjunto dos dados e relatos, informações que ajudem a elucidar porque uma ação está tendo resultados diferentes para mulheres que pertencem a grupos distintos. Essa pergunta é a chave que ajuda a ver as diferenças entre os grupos e as consequências que cada lugar social impõe, restringindo ou amplificando possibilidades: mulheres negras ou mulheres brancas, de organizações mais estabelecidas ou mais vulnerabilizadas, etc. O pressuposto é que o grupo de mulheres não é homogêneo e as diferenças têm que ser observadas, decodificadas e elucidadas para entender os resultados.

Assim, utilizar metodologias combinadas foi importante para conseguir um olhar mais acurado para as realidades brasileiras, porque havia limitações na abordagem culturalmente responsiva. Isso foi bem interessante na hora da análise porque o olhar interseccional permitiu registrar coisas que de outro jeito teriam se perdido, criando-se um ambiente interessante, calcando as análises a partir do lugar de fala de cada uma das mulheres.

Foram feitas adaptações no roteiro, na coleta e na análise dos dados para sempre considerar as diferenças. A análise dos dados também foi feita em conjunto com as mulheres: foram compartilhadas as afirmações preliminares, fruto de um primeiro exercício analítico e, neste momento elas trouxeram outros olhares, qualificando a pré-análise realizada pela Move.

Aspectos culturais relevantes

Uma descoberta, já há muito narrada pelas teorias feministas negras e interseccionais e, neste sentido, podemos chamar de confirmação, foi o fato de que serem mulheres de grupos historicamente marginalizados, negras em sua maioria, traz muita potência para as iniciativas e, conseqüentemente, para aqueles que as financiam também. Elas conhecem as problemáticas vividas e sabem o que é necessário fazer para transformar suas realidades.

Outro achado é que quanto mais próximas estavam as mulheres que lideravam os projetos das realidades das mulheres que eram atendidas por suas iniciativas, maior era a capacidade de resolver as necessidades delas, porque tinham um melhor entendimento daquela realidade, na medida em que vivenciavam as mesmas questões, partilhando assim as mesmas dificuldades e tensionamentos.

Havia muita diversidade cultural dentro da mesma iniciativa: mulheres do terreiro no Norte, mulheres que tinham feito universidade no Sul, mas todas trabalhando com a questão da violência contra a mulher e, em todos os casos, o pertencimento trouxe potência para a solução.

Quer dizer, a metodologia que tem em conta as trajetórias das pessoas mostra como, na realidade, não há um marco zero ou se há, ele tem relação com essas trajetórias. Nesse sentido, o que as mulheres são é parte do que elas podem oferecer. A metodologia evidenciou isso. As vivências que tiveram produzem resultados nos projetos que elas lideram. Isto aponta outra possibilidade para trabalhar temas como a justiça social, a equidade e abre outras oportunidades para responder aos contextos brasileiros e latino-americanos.



Principais inovações

- **Combinação** das abordagens culturalmente responsiva e interseccional.
- Abertura para conseguir a **participação mais ampla** dos grupos desde o mapeamento até a análise dos dados. Este ponto está relacionado com quem demanda a avaliação. A organização financiadora do processo avaliativo concordou com esta proposta e teve uma abertura muito grande. Essa foi uma possibilidade que até agora, ainda trabalhando com perspectiva participativa, não havia acontecido desta forma. Um olhar apreciativo aponta que, se funcionou em contexto de pandemia, a metodologia pode funcionar e ser inclusive mais potente após a superação da pandemia.

Mecanismos para garantir a qualidade da avaliação

- Cuidado no desenho da metodologia, bem embasado conceitualmente.
- Utilização de referenciais de qualidade: eficiência, relevância, eficácia, entre outros
- Muita atenção às relações com todas as partes: com as lideranças dos projetos e com as organizações envolvidas.
- O desenho da matriz da avaliação como guia para nortear o olhar: acordos iniciais são fatores-chaves para a qualidade do processo avaliativo.
- Trabalho de análise feito de forma rigorosa.
- Estudo cuidadoso do campo de atuação do projeto utilizando a perspectiva interseccional.

Aportes para o uso e a institucionalização da avaliação

Quando se recebe uma demanda avaliativa, além de focar no uso, é importante mostrar ao cliente as possibilidades de avaliação existentes ajudando-o a distingui-la da prestação de contas, para que a decisão de avaliar e do que avaliar seja feita a partir de uma visão integral das alternativas. Não é fácil entrar nessa lógica de aprendizado, pois a tendência à auditoria é muito forte. Por isso é fundamental mapear os interesses nos diferentes níveis para que a avaliação realmente seja útil e apoie processos reflexivos e decisórios. É importante dar tempo para trabalhar quais são as motivações, as necessidades de todas as partes, isso aproxima as pessoas da lógica de avaliação: quem financia e as organizações beneficiárias, vinculando-as com o processo avaliativo.

“A participação ampla nas diferentes fases do processo avaliativo tem consequências potenciais no uso dos resultados. Conceber a avaliação como aprendizado para todas as partes. Fazer um caminho para chegar a um entendimento comum entre as partes interessadas na avaliação, do que pode ajudar, do quais são as questões delas que aprender, perguntar bastante ao início. Esse caminho é a chave para que avaliação seja utilizada”

Na política pública a própria evidência institucionaliza o processo avaliativo. Por exemplo, a avaliação do Programa Bolsa Família foi capaz de sustentar o programa e derrubar muitos mitos que colocavam em xeque sua relevância e eficácia. Além disso, a avaliação tem a capacidade de reforçar o que se quer construir com a iniciativa, cumprindo também esse papel, podendo ir além das instituições e respondendo às questões dos grupos que têm interesse em que a avaliação sirva para algo. Quando a avaliação consegue se conectar com as necessidades de informação da sociedade, ninguém consegue tirar o mérito desse processo, são as respostas às perguntas da sociedade que tem potencial de institucionalizar a avaliação. As equipes de avaliação têm a missão de procurar o meio termo entre o que a instituição demanda e o que a sociedade precisa como informação. A avaliação não tem que ser uma relatoria, tem que abrir diálogos e isso ainda é difícil.

Neste sentido, é fundamental também evidenciar sempre as relações de causa e efeito, o que é que está gerando os efeitos observados. Não perder de vista esta possibilidade de reorganizar esforços a partir da evidência.

Resistências para incorporar a abordagem de gênero

As resistências estão relacionadas com um processo histórico que estabelece uma narrativa de poder que traz obstáculos para evidenciar que a questão de gênero é importante. Atualmente, no campo avaliativo, construir processos que considerem a perspectiva de gênero ainda depende de esforços individuais, ou seja, depende de quem se abriu para olhar e reconhecer a desigualdade de gênero como problema e quem ainda não o fez. O mesmo acontece com as questões raciais. É necessário o reconhecimento de que gênero e raça estruturam as relações e, com isso, impactam a vida das pessoas produzindo desigualdades, para depois reconhecer também que desigualdades estruturais precisam ser abordadas para serem transformadas. Nas organizações acontece o mesmo: ainda há um longo caminho para que haja disposição, abertura, e reconhecimento destas questões.

No campo de avaliação, a perspectiva é ainda muito tradicional, em uma concepção muito orientada pelas análises quantitativas. Esse campo apresenta certa resistência às abordagens qualitativas, em especial quando consideramos a abordagem de gênero. Por fim, subsiste uma resistência de poder, pois é um campo muito masculino, muito branco, são camadas que perpassam os indivíduos, inclusive e, principalmente, aqueles que constroem as abordagens. É um embate que está em todos os campos sociais. A informação é poder. Para um determinado grupo que tem um jeito de gerar informação, quando surgem outras vozes dizendo que existem outros caminhos e formas, é natural que gerem resistências e, uma das formas de desqualificar estas novas vozes, é subtrair relevância científica da proposta.

A América Latina tem um caldo cultural relevante para disputar as narrativas. A diversidade que atravessa o continente deve ser uma oportunidade. No entanto, as tensões também são maiores, e a instabilidade dos avanços democráticos faz com que o avanço ocorra apenas através de pequenas fissuras. As redes, a associatividade de grupos populares organizados, tem muita potência. Considerando os diversos grupos historicamente marginalizados que disputam as narrativas na América Latina, os povos originários e a população negra são exemplos fortes que mostram que a resposta está na ação coletiva, pois é ela que visibiliza a desigualdade a fim de transformá-la.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla (2019) Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.
- AKOTIRENE, Carla (2019) Ó pa í, prezada: racismo e sexismo institucionais tomando bonde nas penitenciárias femininas. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.
- FRIERSON, Henry T.; STAFFORD, Hood & HUGHES, Gerunda B. (2002: 63ss) "Chapter 7. A guide to conducting culturally responsive evaluations" em The 2002 User-Friendly Handbook for Project Evaluation. National Science Foundation. Arlington. Disponível em: <https://www.nsf.gov/pubs/2002/nsf02057/nsf02057.pdf>
- <http://move.social/>